

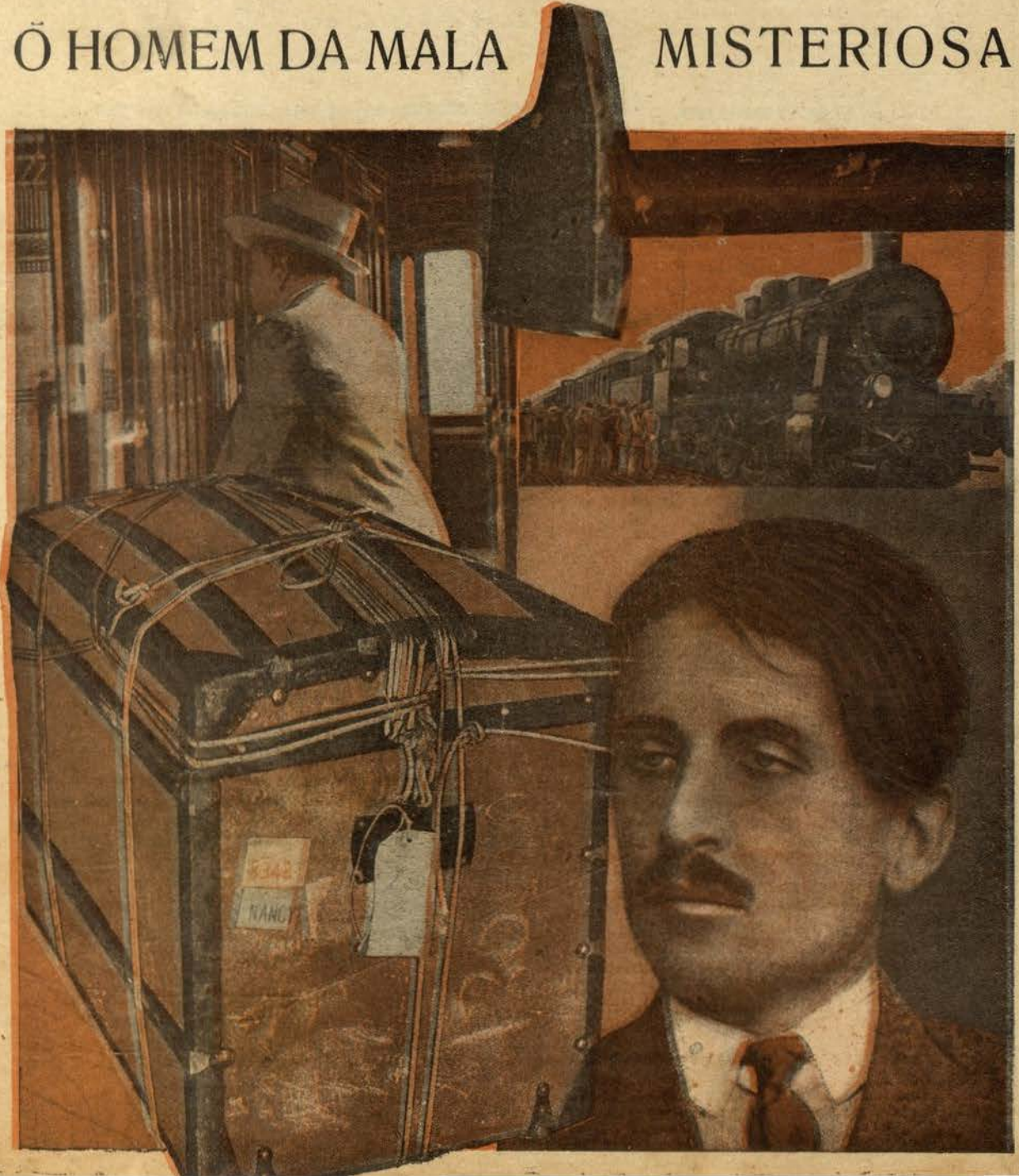
Ano II—N.º 61  
3 de Outubro de 1931  
Preço 1 Esc

# reportagem

Semanário das grandes reportagens

Ô HOMEM DA MALA

MISTERIOSA





# reporter

O SEMANÁRIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-  
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Chefe da Redacção  
**MÁRIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA  
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

## Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

### UNITED STATES LINES

*Nicolau Ferraz*

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das grafo-  
nolas, a ELECTRO-SONORA,  
trabalha electricamente  
ou por corda, motor  
para 110 ou 220 "volts".

118—Rua de Cedofeita—120

PORTO

## OBRAS COMPLETAS DO Reporter X

A venda em todas as livrarias

**Verdade! Emoção!  
Deslumbramento!**

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e  
tantas outras drogas que lhe têm impingido  
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-  
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-  
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.

Constatará que é só

## KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,  
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe  
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-  
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**.  
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-  
guém conhecendo que foram pintados.

### CAIXA 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos. Re-  
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo  
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—  
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—  
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.  
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87



Se V. Ex.<sup>a</sup> tem de presentear alguém,  
deve lembrar-se que um relógio  
desta marca, é o melhor presente  
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS  
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

## A B C - Z I N H O

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS  
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa,  
diverte e custa só 1\$00

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por  
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa



# Homens & Factos do Dia

## Vão-se pintar!

**P**OR cada triunfador na vida — triunfador que, pela lealdade e energia com que lutou, bem merece a sua vitória — conta-se sempre um milhar de maldizentes, roídos de inveja íntima e feroz, que se entretêm a morder na reputação alheia, a amesquinhar as proporções da obra que o triunfador leal conseguiu realizar.

Se um jornalista, só porque soube mergulhar apaixonadamente na sua profissão, logrou trazer a público algumas reportagens sensacionais, desvendar certos mistérios que pareciam indecifráveis e desmascarar meia dúzia de bandidos encasacados em imerecidas reputações de pessoas de bem, já esse jornalista pode contar como certa com a calúnia reles a babujar-lhe o nome pelas mesas dos «cafés» e com o sorriso de desprezo de muitos dos seus colegas de «métier». E já saberá também que as suas reportagens sensacionais... descerão à ínfima categoria de banalidade; as suas mais difíceis e trabalhosas descobertas... serão fruto de mero acaso; e o seu combate aos miseráveis mais categorizados que andam por esse mundo a enganar a humanidade, «campanhas de baixos intuitos» ou simples «chantages».

Ora nós, que estamos bem longe de podermos ser considerados uns triunfadores, reconhecemos, no entanto, em nós próprios alguns méritos profissionais que são todo o nosso orgulho na vida, por muito que no-os neguem. A profissão de jornalista é o nosso ideal supremo: vivemos dela e para ela. E por isso temos por aqueles que nos bajulam na presença e nos caluniam pelas costas mais do que desprezo — temos nojo. E são esses, os que jámais perdem uma ocasião de denegrir o nosso trabalho, de amesquinhar as nossas vitórias, a imitar sempre que podem — e quasi sempre desastrosamente — os nossos processos jornalísticos, na intenção de alcança-

rem para eles as mesmas glórias que seus olhos vesgos não podem ver em nós sem que esverdeada bilis lhes amargue na boca.

Esses que nos negam a faculdade de descobrir os melhores e mais emocionantes assuntos jornalísticos; esses que acusam a nossa pena de fantasiosa; esses que nos apodam de fazer jornalismo de imaginação, andam agora, esbofados e suados, a querer imitar, sem o conseguirem, a nossa maneira, os nossos títulos, as nossas campanhas e até — que irrisão! — as nossas frases mais características. Mas os seus esforços são vãos; o que em nós pode ter alguma beleza, porque é verdadeiro, porque é sentido, porque é natural, surge neles postiço, sem mais vida do que a de certos bonecos com alma de farrapos que aparecem nas montras a fingir de homens.

E então, desesperados, a baba do despeito a escorrer-lhes viscosa dos cantos dos lábios, perguntam à sua consciência: «Mas onde estará afinal o segredo do triunfo jornalístico?» A atitude destes despeitados que nos mordem, que nos agredem porque não podem ser como nós, faz-nos lembrar a das mais lindas mulheres da corte de Fernando VII, que não compreendiam porque motivo certa dama francesa alcançava tantas e tão grandes vitórias nas batalhas de amor palaciano que chegara a ser amante do próprio rei — honra a que muitas meninas virtuosas aspiravam castamente...

sem a conseguirem. Essa senhora foi a primeira mulher que em Espanha apareceu maquilhada em público.

Era nesse tempo um escândalo uma senhora, que quisesse passar por honesta, carminar os lábios, aperfeiçoar as sobrancelhas, oxigenar os cabelos ou carregar em torno dos olhos olheiras fundas e românticas. A inveja pairava em torno dessa mulher como abutres em volta de um cadáver insepulto. Podia lá admitir-se que Fulana, uma estrangeira, e para mais escandalosamente pintada, fôsse amante do rei, fôsse cortejada por uma legião de admiradores, quando outras mulheres, incontestavelmente bonitas e que não se pintavam, eram desprezadas, quasi esquecidas? Não, decididamente, os gostos estavam estragados. A estes comentários respondeu a amante de Fernando VII com uma frase singela e decisiva: — «Eu não tenho culpa de que elas não sejam mais felizes do que eu nos seus amores. Que se pintem também!»

Mas parece que as outras, mesmo pin-

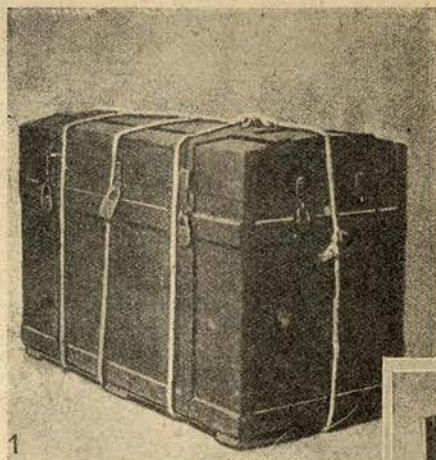
(Conclue na pag. 15)



— Senhor, meu senhor! Seu filho caiu ao mar há já duas horas e ainda não apareceu!

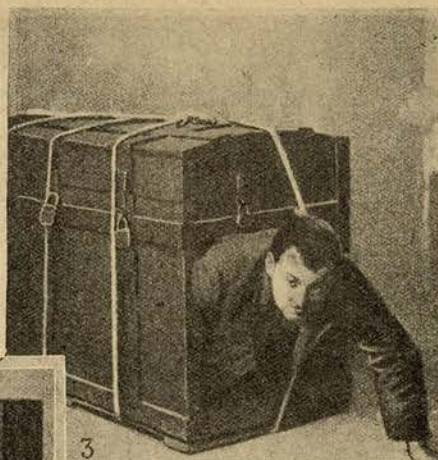
— Bem, não faz mal. Tenho mais em casa...





1

# O homem da mala misteriosa



3

**Uma notícia evocadora — de circo — O homem que se chada — De 1909 a 1927 — tuguessa tentadora — Uma Roubo misterioso em gatuna — Como acaba um**

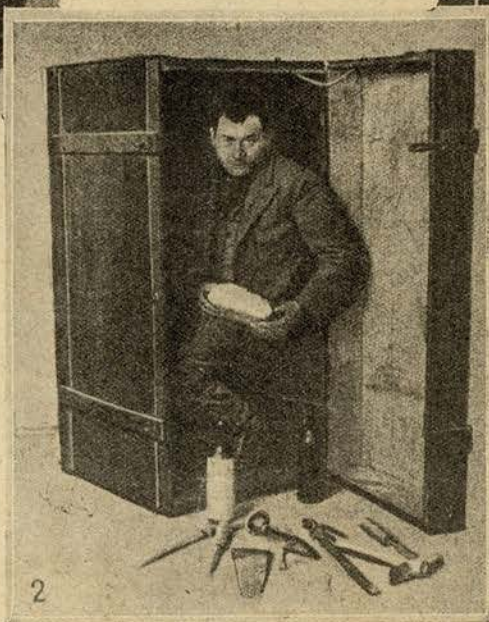
UMA notícia recente no *Detektyw* polaco fez renascer na nossa mente todo um passado distante e doce. E tão distante éle nos pareceu que nos deixou na boca o agri-doce da saúde, o agri doce daquela idade em que não se sendo ainda um velho nos não consideram de todo um rapaz.

A notícia era datada de Bucarest e dizia respeito a um antigo artista de circo, Francisco Sokol, romeno, que se fizera especialista em roubos em caminho de ferro. A acompanhar a notícia vinha o retrato do larápico com o instrumento do crime — uma mala. Era com aquela mala, que através do mundo lhe dera tantas noites de frenéticos aplausos dos públicos de todas as cidades da Europa e da América, que Francisco Sokol, que usava agora o nome de Omra (invertam as letras e encontrarão a portuguesíssima palavra amor), conseguira durante alguns anos praticar um género de roubo considerado dos mais audaciosos nos anais do crime.

Mas deixemos, por momentos, a época infeliz de Sokol e regressemos aos seus tempos áureos, que eram também os da nossa infância, que a sua desgraça veio agora evocar.

## A SORTE DA MALA NO COLISEU

Há anos — contaríamos nós umas dez ou onze primaveras —, o Coliseu, como hoje, era a atracção máxima de todas as crianças. Uma tarde ou uma noite de Coliseu de Recreios era para nós um paraíso que apenas nos custava uns escassíssimos vintens, a história das mil e uma noites a perpassar com todos os visos do real e palpável ante os nossos



2

olhos deslumbrados. Eram os chineses de rabicho e trajos de seda reluzente, lembrando bonecos articulados em equilíbrios complicados; os gimnastas audaciosos em vôos difíceis, quasi alados, lá junto da cúpula altíssima; os excêntricos, como Otto Viola, que sôbre a pirâmide frágil de umas cadeiras e mesas realizava cómicos equilíbrios que haviam de rematar numa queda trágica numa arena de Espanha; os prestidigitadores que arrancavam, de uma bolinha de papel, patos, cães, cavalos brancos, leões e até pessoas, em carne e osso, palpitanes na nossa frente; os palhaços, os queridos palhaços, que o saudável e quasi português Little Walter chefiava com uma graça infinita; os *fakirs*, de rosto misterioso engrinaldado pelo turbante característico, que atravessavam as carnes com pregos enormes — eram todos os mil sonhos que povoam a nossa imaginação de meninos, transformados em forte realidade.

E no desfile deslumbrador daquelas maravilhas apareceu um dia um homem, de traje persa, acompanhado de uma mulher cegante de lantejoulas, empenhada de plumas, que apenas realizava uma sorte mágica. Mandava colocar uma

**Os feéricos espectáculos evadia de uma mala fe-O encontro de uma por-quadrilha internacional — caminho de ferro — A mala antigo artista do Coliseu.**

grande mala no palco, mala que primeiro oferecia por todas as faces ao desconfiado exame do público. Feito o exame, metia-se dentro da mala e mandava-a amarrar por todas as faces com uma corda resistente. Entrava em seguida a mulher em acção, com um largo manto com que cobria durante uns segundos, apenas uns segundos, a mala desconforme, e logo retirava o manto para mostrar de novo a mala tal como estava antes de se ocultar. Abria-se a mala e o persa não estava lá. Então, do outro lado da vasta sala de espectáculos, uma voz pronunciava em mau português:

— Cá estou!

Era o persa.

A sorte deixava toa a gente maravilhada pela limpeza e pela rapidez com que era executada. Havia caturras que iam todas as noites ao Coliseu, a atenção desperta e os olhos bem abertos, na intenção de descobrir o *truc*; outros pediam licença, depois do espectáculo, para examinar atentamente a mala. Mas nunca se soube como esse homem estranho — que se chama Francisco Sokol — realizava o milagre de sair inteiro de uma mala fechada a sete chaves e amarrada com possantes cordas. Era um milagre.

Pois o *truc* da mala foi agora descoberto pela policia de Bucarest.

## UMA PORTUGUESA FATAL

Contemos, no entanto, que motivos levaram Francisco Sokol a trocar a sua antiga profissão de persa mágico, como nós o conhecemos aí por volta de 1909

(Conclue na pag. 13)



**Os segredos da vida do «Rei do Crime», revelados pelo bailarino português Bette Henriques, amigo pessoal de Al Capone.**

RESUMO DAS ANTERIORES  
REPORTAGENS

Bette Henriques, um bailarino português que Lisboa conheceu no início da sua brilhante carreira, emigra para a América, onde se torna o artista da moda. É contratado para o «Colosimo's», o mais famoso «cabaret» de Chicago, que Bette apenas conhece por ser o mais cubigado por todos os artistas, e obtém um êxito enorme. Na noite da estreia o gerente apresenta-o ao «patrão», que é nada menos do que Al Capone. Al Capone simpatiza com o nosso compatriota mas nem ao de leve lhe insinua qualquer proposta para os seus «negócios». Através das confidências do gerente e pela sua permanência no «cabaret», Bette vai descobrindo os segredos da casa. Sabe, por exemplo, que todas as noites dezenas de polícias entram secretamente pelas traseiras para se enfascarem em álcool... gratuito; que foi ali, naquele «cabaret», que nasceu o banditismo sangrento de Chicago; que Al Capone começou o seu poderio apossando-se hábilmente da presidência perpétua da Sociedade Secreta dos Trabalhadores Italianos — espécie de «Mafia» terrível. Organizados os seus «negócios», Al Capone contrata um lugar-tenente — Jim Poleri — e dois marechais, William Stubbs e John Dower. O perímetro aparenta apenas a missão de recrutar pessoal, fingindo nem sequer conhecer o «patrão», mas a verdade é que é o espião de confiança que Al Capone usa para vigiar todos os seus homens. Uma noite, William, graças a um truque combinado, marca uma entrevista com o chefe e revela-lhe esta tremenda verdade: que Poleri, o lugar-tenente, associado com deputados, banqueiros, etc. e usando dos segredos que lhe confiou, vai trair Al Capone.

A «VENDETTA»...

AO contrário do que William podia supor, o patrão não fez comentários à denuncia que lhe lhe fizera. O «auto» rodava pela cidade, quase deserta àquela hora; e só quando voltou ao ponto de partida é que Al Capone lhe perguntou: — «Onde e quando se reúnem eles?» — «Segundo me consta, está marcada para amanhã à meia noite uma assembleia com os chefes dos novos bandos, na garage de Dion O'Banion, em Silver Street...» — «O quê? Dion também me traiu?» — indagou. William exibiu, em silêncio, uma lista onde se registavam trinta nomes, entre os quais se destacavam o de Dion — grande amigo e protegido de Al Capone — e outros cinco ou seis dos seus homens de confiança. — «Um bandido traidor é pior que o pior dos bandidos!» — murmurou o chefe.

Despediram-se e William ia a afastar-se, quando Al Capone lhe perguntou: — «Amanhã à noite... não será tarde? Não terão tempo de ser perigosos?» — «Não creio!» — opinou William. — «Eles só começam a trabalhar depois da reunião...» A noite seguinte ficou marcada na história sangrenta de Chicago pela mais brutal batalha do banditismo moderno. Dizem uns que Al Capone assistiu a ela dum quinto andar fronteiro, mas...

As onze e meia começaram a surgir nas embocaduras de Silver Street vários «autos» particulares — «Fords», quase todos —, apeando-se de cada um grupos de cinco e seis indivíduos. Ficará apenas o chauffeur, que arredará o carro para junto dos passeios, e os grupos, sem se misturarem, como se fossem desconhecidos, colocaram-se frente à garage de Dion O'Banion, formando um semi-círculo. À meia noite em ponto, dum dos grupos destacou-se um indivíduo, que, acercando-se rapidamente da porta ondulada, projectou, contra ela,

As primeiras batalhas sangrentas de Al Capone

um petardo, fugindo para junto dos seus companheiros. Os tentáculos de fogo, na ejeção da dinamite, rasgaram a porta metálica, abrindo-lhe grandes orifícios. Os «pistoleros» de Poleri, reünidos no interior da garage, presentindo imediatamente um ataque, encheram-se e as balas começaram a tiquetaquear nos prédios fronteiros. Mas já então os grupos exteriores — os scários de Al Capone — tomavam posições de combate, estirando-se por terra, e respondendo às pistolas do inimigo com o ladrar furioso das metralhadoras com que vinham prevenidos. Em menos de um quarto de hora — arrastando-se, serpenteando —, os de Al Capone foram-se acercando da garage e os mais audazes já fuzilavam os de Poleri, dentro da própria garage, entricheirados também, por detrás dos carros armazenados. Entretanto chegavam novos reforços de «pistoleros» que, de costas voltadas aos primeiros, mas igualmente estrados em terra, mantinham a distância os transeuntes apavorados e garantiam a retirada. Já ao fim da batalha, que durou apenas vinte minutos, ouviram-se as sireias especiais das camionettes da polícia. Os chauffeurs do bando, divididos pelas duas embocaduras, estavam já industriados. Caso a polícia viesse pela esquerda, os da esquerda, cortando por uma rua paralela, juntar-se-iam aos da direita, ou vice-versa. As primeiras forças policiais eram de cem homens, e apenas cinco «pistoleros» se encarregavam de impedir a sua aproximação...

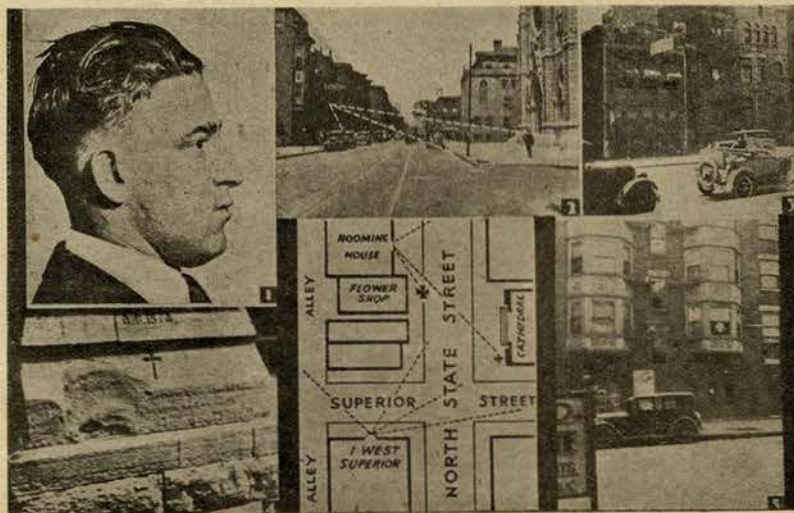
O chefe dos atacantes (constou que foi o próprio William, o que era impossível de provar, visto que todos estavam mascarados) deu ordem de fuga... As pistolas dos atacados tinham emudecido. De cinqüenta homens, que tantos eram os de Poleri, reünidos na garage, quarenta estavam por terra, empapados em sangue, e, entre êses, vinte e três já sem vida. Os restantes procuraram evadir-se a uma morte certa, escapando pelas traseiras. Dos vinte e cinco «pistoleros» de Al Ca-

pone, apenas dezoito estavam ilesos. Estes, sempre defendidos pelos que faziam frente à polícia, que recebera novos reforços, foram recuando até ao lugar onde os seus «autos» estacionavam entre outros e onde os seus chauffeurs, com os motores trepidantes, representavam o papel de inofensivos cidadãos, ousados apenas pela curiosidade de assistirem a um espectáculo emocionante. À medida que os «autos» se enchiam, partiam em louca velocidade. Os últimos, pertencentes aos que se antepunham ao avanço da polícia, partiram, fazendo descargas cerradas. Em vão os policemen procuravam fixar os números dos carros! Um mecanismo especial recolhe sempre nestas ocasiões as chapas dos registos, apesar dêles não corresponderem... à verdade. Era impossível às duas camionettes da polícia perseguirem os bandidos, não só porque as suas metralhadoras não se calavam como também porque cada «auto» tomava uma direcção diferente...

Ao inspecionarem a garage, palco sangrento da tragédia — inauguração do folhetim grandguignolesco do banditismo de Chicago — os detectives, que foram os últimos a chegar, encontraram um «auto» parado frente à porta que dava para Black Street, ou seja as traseiras da garage. Dentro desse carro, amarfanhados, rubros de sangue, os crânios picados de balas, estavam dois cadáveres. Nova surpresa! Se o ataque fôra todo êle realizado em Silver Street, e sendo impossível que as balas disparadas dali atingissem aquele alvo (para alcançarem o carro, era necessário que as balas zigzugassem como se tivessem asas e estivessem adestradas), quem e como assassinou aqueles dois homens — mais dois a somar aos que jaziam no interior? Devassando tudo, tudo espiolhando, de investigação em investigação, foram apurando alguns factos, embora todos êses factos juntos não lhes revelasse a verdade completa. Vários indivíduos tinham fugido pelas traseiras da garage, ao considerarem a batalha perdida. E corriam, espalhando-se pelas ruas que irradiavam daquela. Os últimos tinham sido aqueles dois... E aqueles dois eram Poleri, o lugar-tenente de Al Capone, e... Dower, seu marechal, igualmente traidor — apesar de William não o ter sabido durante a sua espionagem. Quando os dois se meteram no «auto», ouviu-se o ladrido duma metralhadora... Alguém da vizinhança afirmou que o fogo partira da janela dum quinto andar... Os detectives subiram a êsse quinto andar. Estava deshabitado, e arrombadas as portas nada se encontrou.

No dia seguinte, o chefe geral da polícia ordenou a prisão de Al Capone. Essa prisão durou apenas duas horas. — «Está louco? Acusam-me de

(Conclue na pag. 13)



(1) Dion, outro traidor. (2) A técnica do assalto dos «pistoleros» de Al Capone (avanço e fuga) (3) As janelas donde partiram os tiros misteriosos. (4) O local onde caiu Dion. (5) A casa do florista. Ao centro do gráfico do bairro (Ver no próximo artigo «A morte de Dion»).



# As «fantasias» do «Reporter X»

**Como se prova que o retrato que publicámos de M.<sup>me</sup> Rassoneur não era da Rainha de Saxe... e muitas cosas mas.**

**É** COSTUME nosso desembolsar o lenço e enlaçar uma das pontas quando um cavalleiro nos repete a mesma história. E o «chiste» é sempre o mesmo: «Eu já ouvi — mas conte aqui à boneca, para quem a sua anedota é completamente inédita.» Queiram os leitores fazer uma boneca com o vosso lenço — porque lhes vou «colocar um cuento» já repetido. Quando Edison, o sabio «fakir», o mago das invenções, não passara ainda o Atlântico e descobria a máquina falante ou seja o fonógrafo — enviou um dos seus secretários a França para apresentar à Academia das Ciências o seu invento. Reuniram-se os imortais franceses, sem outra curiosidade que não fôsse a que pode merecer a um intelectual requintado um espectáculo de circo ou de «music-hall»... O embaixador de Edison exhibiu o seu aparelho, applicou-lhe um cilindro (ainda não se usavam os discos), manobrou-o, e a campânula espalhou pela sala o eco de varias vozes humanas, ora em diálogos fanhosos ora em cantorias líricas... Palpitou um ligeiro pismo misto de prazer em todos os rostos; mas entreolharam-se, temeram-se, torceram os lábios num sorriso de superioridade, e — Suprema Vergonha para a Academia Francesa! Máxima expressão da vaidade, da covardia do ridículo, da patetice desdenhosa! —

nas actas académicas, assinadas por todos os imortais, pela elite mental da França, irremediavelmente ficou registada a seguinte e unânime opinião: «Apresentou-se hoje um charlatão americano, Mr. tal..., enviado por outro pantomineiro de nome Edison, que, usando dos seus recursos de ventriloquo, tentou burlar-nos, fazendo-nos crer que descobrira uma máquina falante... E, foi, será sempre assim... Cruel estupidez colectiva! Não é o vulgo quem expon-taneamente calunia os que não se resignam ao lugar-comum. O vulgo, êsse, num estado de crónico misticismo, está sempre pronto a acreditar no novo. São os outros, as elites, que por covardia ou por comodismo hostilizam todas as descobertas, todas as invenções, atacando-as como charlatanismos infames. E o mal vem de longe. Trate-se de uma teoria religiosa e seja



Jean Jacques Robert, Director do Laboratório Nacional Farmacêutico, que nos forneceu todos os dados sobre Edgar Lawrence

Cristo o seu prégador, trate-se de um sôro contra qualquer enfermidade e chame-se Pasteur o seu inventor! Júlio Verne, o fantasista de todas as realidades, sofreu os maiores vexames dos homens de ciência. A Inquisição reduziu a cinzas o corpo de Galileu, porque elle jurou que a terra se movia. E se não assistirmos, em nossos dias, à reabilitação do dr. Asuero, testemunharemos, pela certa, o triunfo dos seus principios, para bem da Humanidade, sobre os quais cairam as pedras de todos os fariseus! E quem combate Edison e Verne e Galileu e Cristo e todos os que dão um passo para a luz? Os sábios, os médicos, os intelectuais, as elites, os sacerdotes das religiões antigas, officiaes do mesmo officio, os que não querem luz, para que a luz não os coloque na sua verdadeira situação de mestres de velhas teorias!

Pulemos do alto dêsse H'malaya para êste pequeno e modesto vale que é... o «Reporter X». O «Reporter X» criou uma forma nova, um estilo novo, no jornalismo. Declaramo-lo sem prosápias, mas sem falsas modestias. Os rapazes que o fundaram, profissionais honestos e espiritos modernos, sentir-se-iam vexados se fizessem um jornal igual a todos. O jornalismo moderno é a reportagem; mas a reportagem só merece este titulo quando foca o inédito, quando holofota o desconhecido, quando descobre caminhos marítimos para novas emoções! Para alcançarmos o nosso objectivo, desprezamos todos os lugares-comuns,

todos os *faits-divers* de realejo diarista, e pusemo-nos de atalaia, como caçadores de feras, às noticias inéditas, aos grandes acontecimentos ignorados, aos escândalos amordaçados. O público, o grande público, não podia deixar de nos aplaudir. Não há memória, na nossa imprensa, de um êxito como o nosso... Mas alguém nos hostiliza — sobretudo depois de comprovado o nosso triunfo pela continuidade... Êsse alguém é sempre o mesmo...



Ex-Rainha de Saxe ou M.<sup>me</sup> Rassoneur «Foto» de «The Saturday Evening Post» de 6-5-1931 (Caso da Quinta das Lágri-mas)

De que nos acusam? Do género de reportagens em que nos especializámos? São elas demasiado *grandguignolescas*? São indignas de um jornal «de verdade»? Apoucam os jornalistas que as realizam? Nêsse caso, porque razão há uns meses a esta parte todos os grandes jornais do país, os «rotativos», os órgãos máximos da nossa imprensa, desde *O Século*, que muito estimamos, porque é, de facto, uma das mais belas expressões do jornalismo europeu, até a *Voz*, diário católico da máxima intransigência moral, passando pelo *Diário de Noticias* e pelos outros, amiudam e multiplicam as colunas dedicadas a êsses assuntos, usando da mesma técnica na escolha da matéria, na organização dos titulos, na adaptação dos acontecimentos? O leitor já deve ter notado. Todos os cotidianos portugueses, depois do êxito do «Reporter X», publicam a diário «casos inéditos», «sensacionalismos», «estranezas» — dir-se-ia até imitando-nos se não fosse diferente, embora mais modesto, o critério e a especialização das nossas reportagens...

Portanto, não somos só nós que exploramos o inédito sensacional, e dentro dêsse campo o nosso maior crime é termos sido... os primeiros. Que fantasiamos? Que mentimos? Que provém que são falsos os nossos artigos! Não é a primeira vez que tentam agredir-nos com um desmentido; mas as nossas contra-offensivas, com metralhadoras de provas, obrigam-nos logo a render...

Muitas vezes, é certo, os assuntos são tão melindrosos, é tão difficil passar o nosso convencimento moral à matéria viva que a justiça exige — que nos vemos obrigados a enroupar a narrativa de corpos vivos com o

papel de seda com que se vestem as bonecas literárias. Mas nem por isso é menos verdadeira a essência. E tanto assim que quasi sempre os aludidos encarapuçam, sem que sejam evocados, o barrete que lhes oferecerem...

O resto tem sempre uma base. E a sua única invulgaridade é que nós escolhemos os nossos assuntos onde os outros passam sem que o instinto profissional, vibrando, lhes denuncie um fião de reportagens.

Que fantasiamos! Que era falsa a noticia que demos no n.º 27 sobre a trágica morte de Emilio Ghione — o famoso «Za-la-Mort». Que leiam as últimas revistas cinematográficas italianas e que ve-

(Continua na pag. 11)



Reprodução do envelope e parte da carta que recebemos sobre o «Mistério da Estátua de D. José»



# Uma página ignorada da vida de Mussolini

**A Itália sob um vulcão — A tática astuciosa de Turatti — O esconderijo secreto dum palácio de Milão — Como se mistificam] espões — Um plano audacioso — Uma greve geral... imaginária e a queda real dum governo.**

**M**USSOLINI foi, como o mundo inteiro o sabe, um terrível agitador, vezes inúmeras a contos com a polícia. E o ditador, longe de se irritar com as frequentes incoerências do seu passado, sempre que os seus inimigos dele se servem como duma arma susceptível de o ferir, incline os ombros com sorridente desprezo.

O seu passado, em vez de o envergonhar, dir-se-ia constituir, para o seu orgulho romano, um incentivo. Disso deu ele prova incontestada quando há anos autorizou para vários países, menos para Espanha, a reedição do seu agora famoso livro «A amante do cardeal», páginas da sua mocidade, sem grande valor literário, mas que marcaram por constituir uma violenta diatribe contra o alto clero e até contra o catolicismo.

Apesar de ter sido cuidadosamente exumada pelos adversários a vida de Mussolini, como agitador, ela ainda conta algumas páginas inéditas, das quais escolhemos esta para referir aos leitores do «Reporter X».

Em 1912, a Itália oficial via, com receio, surgirem por todos os lados as organizações revolucionárias. O partido socialista, a cuja frente se encontrava o famoso Turatti, agora exilado em Paris, cortara as suas relações políticas com a burguesia liberal, sentindo-se bastante forte para dispensar o seu apoio. Turatti, a cujo bom senso e ponderação os próprios adversários rendiam elogios, pusera a todos os filiados no seu partido o seguinte dilema: ou a maçonaria ou o partido socialista. E a maçonaria viu, em oito dias, diminuir dalgumas dezenas de milhar o número dos seus filiados.

O caudilho socialista, ao romper com a maçonaria tivera em vista vibrar um golpe mortal no partido republicano, seu terrível concorrente. Fizera-o por considerar que a mudança das instituições em pouco ou nada modificaria a sorte dos proletários. O duelo travado entre a ideia republicana e a monárquica deixava-o indiferente, em virtude dos reis terem passado a ser uns fantasmas em face dessas entidades vivas e dominantes: as constituições políticas e os regimes parlamentares.

Enquanto os socialistas se desprendiam das alianças com os partidos burgueses da vanguarda, a actividade anarquista multiplicava-se e as associações operárias cultivavam o sindicalismo revolucionário. Os jornais extremistas pululavam com tiragens consideráveis; as greves estalavam diariamente, enraizando-se nos costumes operários.

Os ministérios oscilavam entre a complacência e a repressão, sem se resolverem entre estes dois métodos, de tal modo ambos lhes pareciam imponentes para dominar a agitação revolucionária, latente em toda a Itália.

Em determinado momento subiu ao Poder um governo disposto a reprimir pela violência as actividades dos extremistas.

Era composto, na sua maioria, por políticos *à poigne*, dispostos a ir até ao fim do arriscado plano que traçaram. Logo de início demitiram quasi todas as autoridades, acusando-as de terem usado de brandura para com as greves operárias. Os conservadores soltaram um suspiro de alívio, convencidos de que aparecerá, enfim, um governo que se dispunha a encarar a sério, custasse o que custasse, o princípio da autoridade.

Nos meios revolucionários a emoção foi grande. Sentiram, nos primeiros momentos, que a energia se lhes paralisara. Porém, dias depois, recobravam a audácia, decidindo-se a afrontar as iras do governo.

Turatti, velha raposa da política, receando que eles perdessem a cartada, pois o governo dispunha de grande força e procurava, quasi com ansiedade, um pretexto para acabar de vez com o que o presidente do ministério chamava, num dos seus discursos, «o espectro vermelho», dispôs-se a intervir.



O DUCE actual

E uma noite, inesperadamente, o prestigioso chefe do partido socialista apresentava-se, em Milão, na sede da União Sindical Italiana, causando com a sua presença um grande espanto entre os elementos daquele organismo. Os dirigentes sindicalistas estavam de relações cortadas com o magnate socialista, a quem apelidavam, desdenhosamente, de burguês...

No entanto, como o momento que atravessavam era extremamente grave, escutaram-no com atenção. Turatti falou durante duas horas, sem a menor interrupção. Foi persuasivo, eloquente, tentando convencê-los da vantagem de se manterem-se calmos durante algum tempo, aguardando com paciência o momento em que ele, Turatti, velha raposa da política, conhecedora profunda da arte de derrubar ministérios, forjasse uma intriga feliz, no Parlamento, que os libertasse daquele governo feroz.

Quando ele acabou, levantou-se uma violenta discussão, sendo, por fim, regeitada, por demasiado oportunista, a tática sugerida pelo *leader* socialista.

Turatti ergueu-se e, então, em tom de ameaça disse-lhes que a C. G. T. italiana, organismo operário mais poderoso que a União Sindical, tinha deliberado adoptar a ideia por ele preconizada, desistindo momentaneamente de proclamar greves.

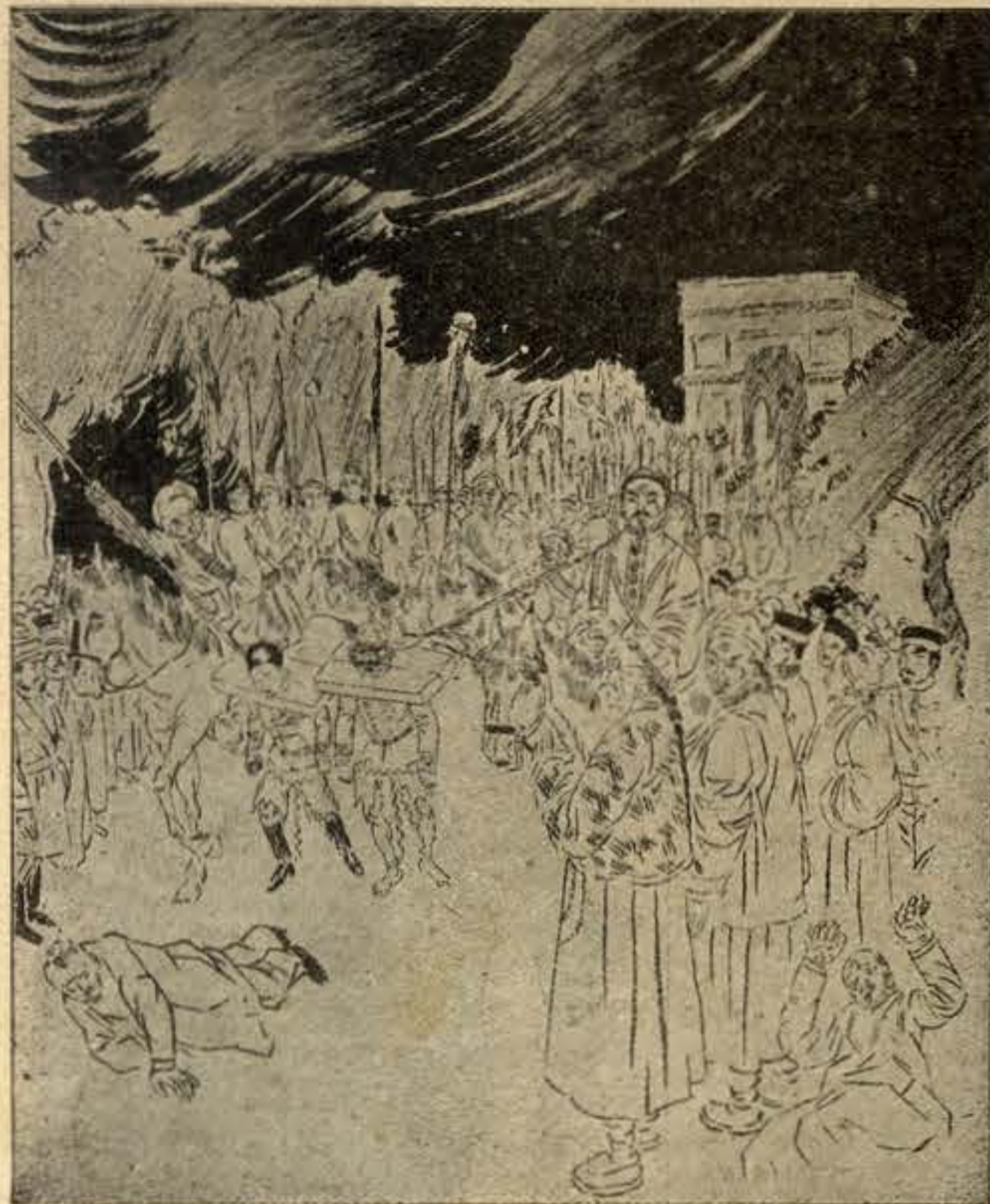
Quando saíu, os militantes sindicalistas olharam-

(Conclue na pag. 15)



□ Mussolini... indesejável





Uma fantasia amarela de antes da guerra: Uma oleografia representando o desfile das tropas vitoriosas da Asta pelos Campos Eliseos, trazendo como prisioneiros os imperadores da Rússia e da Alemanha.

# O PERIGO AMARELO

## E A ESPIONAGEM JAPONESA

**Guerra entre amarelos? — A causa provável da guerra — Esta conduzirá à conflagração geral? — Um suicídio heróico para pretexto da abertura das hostilidades? — Os dolorosos sacrificios pela pátria — A realidade do perigo amarelo — A espionagem sem rival.**

### A CAUSA DO CONFLITO

O Japão não se europeizou apenas pelo facto de ter substituído o kimono de seda pelo frac londrino, a espada recurva dos guerreiros pela pistola metralhadora, as longas tranças das suas *geishas* pelo corte de *garçonne*, os bruxedos dos seus curandeiros pela ciência mais avançada das universidades de Berlim e Paris. Imitando-nos, suplantando-nos nos nossos progressos materiais e mentais, contagiaram-se também dos nossos vícios morais. O egoísmo dos nossos políticos, a hipocrisia dos nossos diplomatas, a ambição feroz dos nossos financeiros também foram imitados, suplantados pelos tímidos e suaves nipónicos! Podem os seus príncipes, os seus generais, os seus aristocratas rasgar as entranhas, no *hara-kiri* secular, por causa duma derrota, dum negócio fracassado ou dum insucesso político; mas já não se suicidam quando cometem um crime, uma injustiça cruel ou uma autêntica façanha de banditismo legal.

Quando necessitam de mais espaço, quando cubriam novas terras, não hesitam em se conjugar — financeiros, políticos, governantes — e assaltar um povo pacífico, escomotê-lo, destruí-lo e apossar-se dos seus bens. E já sabem mentir, disfarçar, sorrir, bater no peito a *mea culpa*, lamuriar como os imperialistas prussianos «que não são eles os causadores da guerra», «que ninguém lamenta mais essa fatalidade do que eles».

A Manchúria é uma das regiões mais férteis da Ásia. O Japão agüa ante as suas riquezas — divididas, contra sua vontade, pelos chineses. A sua importância estratégica, geográfica, comercial, cresceu com a guerra russo-japonesa. E a chave de todas as comunicações ferro-viárias do Oriente, o encontro das linhas siberianas, transiberianas e chinesas. Além disso — o Japão, mais do que a Itália, asfixia na estreiteza das suas fronteiras. A sua população multiplica-se a olhos vistos sobretudo nestes últimos 50 anos de prosperidade. Não há espaço para tanta gente. E agravando essa asfixia — a ameaça de que o arquipélago, sacudido continuamente pelos terremotos, desapareça um dia, mar dentro, como uma esquadilha de submarinos que submergisse... Diz a lenda — e as lendas no Japão são dogmas religiosos; e esta é a base de todas as suas crenças, — que as ilhas nipónicas, filhas duma deusa, surgiram, uma manha, à flor das águas, como que por milagre, já floridas de crisantemos e de mosotis; e que, cumprida a sagrada missão dos japoneses na terra, — elas não-de regressar ao mesmo abismo, tal como dele

saíram. Os nipónicos de há um século aguardariam, acorados, serenos, impassíveis, que a terra os levasse para o fundo dos mares; os japoneses de hoje acham preferível irem arranjando poiso seguro para mudarem de pátria — quando esta fôr engulida pelo mar como por um alcapão de mágica...

A Manchúria convem-lhes pois — e por todos os motivos. Mas os indígenas são insubmissos, indisciplinados, xenofobos em extremo, prontos todos para extirpar até mesmo os irmãos de cor...

Foi na Manchúria que se organizou e saiu essa terrível e misteriosa seita dos «boxers» que encheu de pavor todos os europeus e americanos da China. Os chineses, mais fracos, mais pacíficos, menos ambiciosos do que os nipónicos — mas tão sensíveis como outro qualquer povo às injustiças, às crueldades, aos crimes que contra eles praticam —, não podendo medir-se com o Japão em guerra aberta, usam da sua agilidade mental, da sua subtilidade, e manobram os violentos e sangüinários mandchus contra os dominadores, intriguando-os, injectando-lhes toxinas de ódio, fazendo com que os japoneses vivam num perpétuo sobressalto, sem serenidade para a grande obra de egoísmo que gizam...

Era preciso pôr cõbro à guerra silenciosa e invisível dos chineses, expulsá-los da Manchúria, derrotá-los e depois, uma vez vencidos, sem testemunhas, chicotear à vontade os indígenas, dominá-los e apossarem-se por completo da terra e de todas as suas riquezas. Mas era preciso também um ardid... A morte do capitão nipónico Nakamura estava à medida dos seus planos. «Foram os chineses que lincharam barbaramente o nosso camarada! — beram os japoneses que ocupam a Manchúria. — Não podemos deixar o pobre capitão sem vingança!» E ei-los a incendiar, a acnacular, a provocar a guerra...



O texto exacto do relatório da «Sociedade Divina dos Hiep Has Thoug»

O mundo franze o sobrolho, e o Japão, sem apagar o seu sorriso eterno, que é o estigma fisiológico da raça, protesta a sua inocência. «Mas é preciso evitar que o mal se dilate, que as labaredas cresçam, que a guerra irradie os seus tentáculos!» — exige a Humanidade. E o Japão, sorrindo sempre, tenta sossegar o mundo: «Nada temam! Não existe perigo de guerra! O conflito da Manchúria não tem a menor importância. Estamos bem informados. Trata-se da exaltação patriótica de uns jovens oficiais que temos nessa região — aliás justificada pelo barbarismo chinês... Uma dezena de mortos apenas — e os nervos acalmam-se! Vocês verão...»

Entretanto o sangue não estanca; os jovens ofi

ciais japoneses, com um general à frente (um general de 57 anos e pessoa da máxima confiança do governo) e com perto de 20.000 soldados, continuam na sua exaltação patriótica, avançando, em pé de guerra, para as fronteiras da China, destruindo, chacinando tudo e todos os que encontram pelo caminho. Em vão a China tenta aplacar essa patriótica exaltação numa resistência passiva e pacífica, dando explicações pelo que a acusam mas exigindo-as pelo que injustamente lhe fazem... Dentro de dois dias — a guerra será irremediável. A China, embora mais débil, menos civilizada, pior preparada, possui, pelo menos, a superioridade do número e dispõe de um milhão de homens nas fileiras. Dar-se-á o choque. O Japão dirá que fez tudo para evitá-lo — mas que a China não permitiu que prosseguisse na mesma calma atitude... E depois?

Os Estados Unidos — o inimigo natural do Japão, como a Alemanha o é da França, como a Áustria o é da Itália — não ficarão de braços cruzados nem perderão a oportunidade de cair sobre os nipónicos, sabendo-os divididos com outro adversário. Os Estados Unidos também farejam um «negócio» nessa guerra. E tanto assim que o marechal Chang-Sue-Liang, governador da Manchúria, dirigiu a Washington um protesto contra as violências do Japão. E não foi só a Washington. Moscow também o recebeu. E Moscow respondeu antes da América. Afirma-se até que a viagem de Kerloff e Bernst aos Estados Unidos implica uma conferência para uma atitude simultânea contra o Japão. A Rússia e os Estados Unidos, desde que Moscow entrou na sua nova política económica, começaram a entender-se — porque se à Rússia convem a não hostilidade da América, à América convem-lhe um inimigo poderoso da Inglaterra... do Japão como é a Rússia. Por seu lado, o Japão sabe que o México e os Estados Unidos se odeiam. Recordando-se que, durante a guerra, a Alemanha tentou a invasão do território norte-americano, fomentando uma aliança entre mexicanos e japoneses. O Japão já enviou o príncipe Takamatsu ao México para conferenciar com o governo mexicano. Ah! Se o México sentir as costas quentes com um aliado como o Japão — não hesitará em reconquistar o Texas e outras terras que a América lhe ganhou na guerra de 76. Guatemala, Honduras, Nicarágua e outros, países minúsculos em separado, mas respeitáveis, aliados ao México e ao Japão, rejubilam só com a esperança de se vingarem dos ultrajes sofridos durante anos e anos. A Inglaterra, grande amiga do Japão, também intervirá, a pretexto dos seus interesses na Ásia. A França deve acompanhá-la. Os expedientes germânicos, sobretudo dos «capacetes de aço», com a Áustria e com a Rússia, premeditando a *revanche* e vingança contra os franceses, são um facto. A Alemanha, encostada à Rússia, pode, deve mesmo intervir também. E eis como se



Dr. Wang, ministro dos Negócios Estrangeiros da China

### O CONTÁGIO DA GUERRA

edifica a máquina diabólica de uma guerra mundial: O Japão contra a China; a Rússia e os Estados Unidos contra o Japão; a América latina contra os Estados Unidos; a Inglaterra e França em defesa do Japão; a Alemanha — aliada à Rússia e à Áustria — contra a França e a Inglaterra... O resto, o contacto do fogo, o contágio do ódio, o alastramento das batalhas, será *à la minute*, como de 1914 a 1918...

E não somos nós que o profetizamos. *Daily Mail*, sem citar países, sem evocar povos, declarou há dias que o conflito sino-japonês pode arrastar para a guerra todas as potências europeias e americanas!

### O «HARA-KIRI»

E em que assenta esta horrível ameaça? Em que se baseia esta guerra que tem capacidade para empilhar milhões de cadáveres? Num só cadáver — na morte dum só homem. Já o dissemos: a exaltação patriótica dos jovens oficiais japoneses da Manchúria (servindo-nos dos termos oficiais do Japão) trepidou ante a morte de um camarada — o capitão Nakamura —, atribuída aos chineses. Realizou-se um rápido inquérito internacional sobre essa morte — concluindo-se... por não se saber quem o matara, não havendo a menor prova de que fossem os chineses.

Preparam-se agora para um imprevisto sensacional. E o grande jornalista americano James Thomas, enviado especial da «United Press» à China (desde 1929), quem o insinuou, após uma longa investigação *sur-place*. Eis o que James Thomas disse numa crónica telegráfica que, ao contrário do que é costume (as crónicas da U. P. são reproduzidas em centenas de jornais dos dois continentes), só foi publicada no «Chicago Mail»: «Existe actualmente no Japão — como em muitos países do ocidente — uma mocidade que, para combater o comunismo e outras ideias extremistas (o comunismo, o anarquismo e o sindicalismo desenvolveram-se rapidamente, nos últimos cinco anos, no império nipónico), se organizou em seita, com tendências ultra-conservadoras e hiper-nacionalistas. O capitão Nakamura era um dos dirigentes mais entusiastas dessa mocidade conservadora e nacionalista. O entusiasmo numa alma nipónica corresponde a um fanatismo frio, sereno, ilimitado, algo como um punhal floreteado por um autómato... por autómato que tivesse a mentalidade, os nervos e o espírito dum japonês. Várias vezes o capitão Nakamura prégou em Tokio, em Osaka, a necessidade nacional, urgente, do Japão se alastrar pelo continente asiático, e os direitos pátrios sobre a Manchúria e sobre a própria China, direitos de povo superior e divino! Ele próprio se ofereceu para partir para a Manchúria. A sua propaganda entre os camaradas contagiou a estes os seus ideais e a sua exaltação. Várias vezes veio a Tokio propor golpes de força contra os chineses. Sabe-se que o governo, desejando tanto como o jovem capitão a realidade dos seus sonhos, lhe respondia sempre que, sem um pretexto forte e eloquente que explicasse ou desculpasse o Japão aos olhos do mundo, nada podia fazer. Nakamura esperou que esse pretexto viesse. E como não veio, a sua impaciência entrou numa fase mórbida... «Eu dava a vida para que o Japão rompesse as hostilidades!» — declarou ele na véspera da sua morte. A sua morte é um mistério. Partira, só-



Um desenho popular japonês que re resenta um amarelo dominando o mundo inteiro

zinho, sem levar sequer o impedido, para uma excursão aos arredores. Como anoitecera e ele não regressasse à base — os camaradas foram procurá-lo. Encontraram o seu cadáver à beira dum riacho e com um dos braços mergulhado na água. O seu revólver não apareceu. A morte fôra causada por uma bala que lhe atravessara o coração. O único vestígio de luta... era o facto dele estar sem o casaco da farda, mas este não tardou a ser pescado a certa distância, levado pela corrente. Contudo a farda não estava rasgada nem fôra furada pela bala. Nesse caso é preciso deduzir que os assassinos o despiram antes de o fuzilarem, o que é inverosímil. Mas apesar de inverosímil, serviu de argumento à acusação que fizeram contra os chineses, afirmando que os chineses o haviam atacado e linchado. Linchado, como? Mas há mais: na autópsia extraíram a bala, e esta é igual às que usam os oficiais japoneses! As autoridades chinesas pediram aos nipónicos que sondassem o riacho... e os nipónicos não o fizeram. Esta negativa faz pensar que Nakamura, no seu fanatismo nacionalista, se suicidou para que, com o seu *sacrifício*, nascesse o pretexto que o governo necessitava para romper as hostilidades com a China. Calmo, como um herói que se prepara para o *hara-kiri*, ele isolara-se, despira a farda, deitara-a à água para que a corrente a levasse e tornasse mais verosímil a hipótese da luta; rasgara a camisa, deitara-se à beira do riacho, desfechou a pistola contra o próprio coração, e o braço, caído inerte, mergulhou; os dedos desprenderam a arma, caído esta, pelo seu peso, e submergindo-se até ao fundo... Seria assim? A lógica dos factos assim o afirma e o fanatismo de Nakamura o comprova.

Nada mais diz James Thomas — mas a sua hipótese... é bem japonesa. Não existe nenhum outro povo capaz de um acto destes, maquiavélico e heróico, fanático, nobre e cruel!

Claude Farrere trouxe do Japão, onde esteve durante a guerra com a Rússia, um assunto verídico, com o qual escreveu o seu célebre romance «La Bataille». Certo almirante japonês, pertencente à nobreza nipónica e casado com uma aristocrata japonesa, pertencia à geração que, para dominar o mundo, sacrificava aparentemente os seus costumes tradicionais adaptando-se aos costumes ocidentais. O casal vivera muitos anos em

(Conclue na pag. 12)





O moderno Landru, antes e depois da confissão dos seus crimes...

**A alma de um preguiçoso — Uma merceira que tem tendência para o amor — Um horoscopo — A Sociedade de correspondência para as pessoas que se sentem sós — Uma "garage" misteriosa — Cinco cadáveres num subterrâneo — O Landru de caricatura.**

EM um recanto da Norte-América, em Clarksburg (West Virgínia), apareceu agora um novo Landru que está dando grandes trabalhos à Justiça. É que os julgadores americanos, quando uma aberração surge, querem penetrar fundo na alma do delinqüente, conhecê-la tão bem em todos os seus escaninhos como se pode conhecer uma casa labiríntica em todos os seus recantos. O homem estranho que se encontra agora a contos com os tribunais chama-se Powers, é marido de uma merceira de Clarksburg e, pelas investigações até agora metuculosamente conduzidas, deduz-se que as principais determinantes dos seus feitos sangrentos foram três e muito simples qualquer delas: a leitura que fizeram um vez do seu horoscopo, o seu temperamento de preguiçoso e a pouca ternura que sua mulher lhe dedicava. Sobre estas três bases ergueu-se um assassino dos mais ferozes, dos mais espantosos, dos que melhor premeditam os seus crimes audazes.

O conhecimento exacto do temperamento deste homem muito convém a todos aqueles que se dedicam ao espinhoso labor de estudar o crime e os criminosos nas suas mais inesperadas modalidades, desde os simples agentes de investigação aos *reporters* de crime, aos homens de ciência e aos magistrados a quem incumbe a delicada missão de investigar e de julgar.

Para entreter a preguiça que amolecia a sua energia, Powers, o Landru americano, como lhe chamou a imprensa estrangeira, entregava-se à leitura de livros de psicologia criminal e eróticos. A vida de Landru, por consequência, interessava-o extraordinariamente. Mas ele não era um homem de acção. Vivia uma vida toda feita de sensualidade interior, sem consequências externas. Crimes, se os praticava, era em imaginação; actos de sadismo, se os gozava, era em fantasia. A sua natureza de preguiçoso, roubando-lhe a energia, incapacitando-o para a acção, tornava-o um ser socialmente inofensivo.

O que, porém, o tornou perigoso, o que o arre-

messou para o caminho da fatalidade, o caminho que o conduziu ao crime, foi a secura, a indiferença conjugal com que a merceira o tratava. Essa secura de alma, essa rispidez de trato feriram, abalaram profundamente aquele temperamento de sonhador, muito sensual e, portanto, mais sedento do que outro qualquer homem do amor, da ternura tempestuosa que só uma ligação determinada pela paixão, pela exaltação dos sentidos, pode oferecer.

Não encontrando na esposa o amor de que sua alma se sentia necessitada, Towers dirigiu-se a uma associação exquisita, daquelas que pululam às centenas na América das excentricidades. Chamava-se esse organismo com fins humanitários «Sociedade de correspondência para pessoas que se sentem sós». Destinava-se essa Sociedade a pôr em contacto por meio de cartas de desabafo, de confissão de mágoas, de confidências íntimas, todas as pessoas que vissem no mundo desanparadas de afectos, num deserto onde a flor rubra do amor não pudesse florescer. Durante algum tempo, Powers, através da tal Sociedade, que, é claro, cobria com hermético sigilo as relações que gozavam da sua protecção, manteve correspondência affectuosíssima com várias senhoras românticas que trocavam com ele as confidências das suas mágoas, da aridez do seu viver.

E talvez Powers se sentisse plenamente feliz com estes amores que tanto deliciavam o seu temperamento de sonhador sem acção, se um incidente, que importância alguma teria na vida de outro homem, não modificasse por completo a sua maneira de ser. Sempre curioso das coisas que se passam em regiões de mistério e de imaginação, este Landru de caricatura lembrou-se um dia de mandar tirar o seu horoscopo. Queria que lhe desvendassem o mistério da sua alma, o segredo do seu destino.

Enviaram-lhe o horoscopo, umas largas folhas de papel garatuja das daquelas banalidades que têm, afinal, aplicação a quasi toda a gente, mas que o nosso homem tomou rigorosamente a sério, convencendo-se, suggestionando-se de que tudo quanto se lhe dizia era granítica verdade.

Algumas frases desse horoscopo podem fazer compreender melhor a influência que o pobre Powers sofreu. Ei-las: «Nascido venturosa-

# Um novo Landru

mente sob o signo do Peixe. Sempre pronto a ajudar os outros.

«Tendes uma fé cega na beleza moral, mental e física. As meias verdades não vos satisfazem. Sois um sincero. Tendes grande capacidade de afeição, embora elas nem sempre vo-la mereçam. Sois capaz de grande fidelidade, se a vossa companhia estiver em harmonia com o vosso temperamento.

«Quando começais alguma coisa, sois impellido a ir até ao fim. Pensai no futuro e desembaraçai-vos dos entraves que não vos deixam ser feliz. Desembaraçai-vos das teias de aranha que obscurecem o vosso espirito e que retardam os vossos progressos. O futuro reserva-vos grandes venturas.»

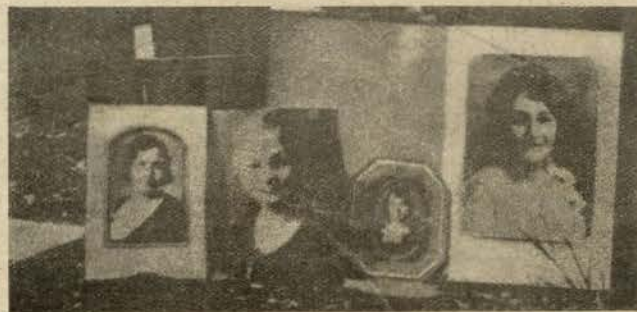
Estas predições baratas de adivinho transtornaram por completo as faculdades mentais do pobre Powers. Sentia-se outro homem. Não lhe estava reservado um futuro venturoso?

Não lhe recomendavam que se desembaraçasse de teias de aranha que obscureciam o seu espirito para poder ser feliz? Não lhe diziam — o que ele sentia ser exacto — que seria capaz de grande afeição, se o temperamento da sua companhia se harmonizasse com o seu? E convenciavam-no de que tudo o que pensasse era capaz de realizar. Portanto, mãos à obra.

A força de sugestão, tenta integrar-se, com tanta justeza quanta possível, nos princípios delineados pelo horoscopo. A sugestão modelou-o por aquele modlo como o artista esculpe na pedra com espantosa fidelidade um belo corpo que o encanta. E daquele pobre diabo, macabúzio, sonhador, sensual e preguiçoso, nasceu quasi milagrosamente um homem de acção. Ele anda mais pensativo, uma ideia obstinada vinca-lhe na testa uma ruga profunda, voluntariosa. Por motivos secretos que só mais tarde se desvendam, manda construir no campo, em local solitário, uma *garage* com espaço para quatro automóveis, embora ele não possuía senão um. Sob a *garage* faz construir um subterrâneo herméticamente fechado, cuja serventia não tem explicação plausível. Powers prepara qualquer coisa de extraordinário na sua vida.

A sua correspondência com mulheres que se sentem sós no mundo, prossegue com grande actvidade. Um dia descobrem-se no subterrâneo da *garage*, sujos de lama, infectos, cinco cadáveres. Dos cinco cadáveres, três são de crianças — duas raparigas e um rapaz cujo crânio foi fendido à martelada.

(Conclue na pag. 15)



Como sentimental, Powers colleccionava os retratos das suas vítimas



# As «fantasias» do «Reporter X»

(Continuação da pag. 6)

jam a fotografia do busto que Lino Poreli esculpiu para o túmulo do célebre artista — encomendado pelos directores da casa Pittaluga, de Roma! Que o caso do português torturado na Torre de Londres era romance? Que nos pegam a carta do dr. Luiz de Magalhães Barreto, seu descendente, que nos fornece todos os dados a respeito deste acontecimento histórico — ignorado até hoje. E «O Cadeado Maldito»? D. Carmen Rodrigues Salama, residente em Vila Nova de Ródam, que foi a sua última proprietária e que o deitou a um poço, que lhes diga se fantasiamos. Que perguntem a Paulo Freire, testemunha de um episódio a bordo do vapor *Porto*, onde para o Brasil embarcou o dr. António José de Almeida — episódio a que assistiram também o pobre Luiz Derouet e Acúrcio Pereira —, e ele vos dirá quem é «O Arauto da Morte» — outra «história» que publicámos no n.º 11. E o caso de Aveiro? Calúnia, hein? Tão calúnia e tão comprovado como os ataques contra o Marquês de Sagres e contra esse aventureiro sueco que se chama Personne!

Em que estado ficariam as narinas dos que nos accusam de fantasistas se tivéssemos espaço e se quiséssemos revelar muitas *provas dos nove* que, por dever, somos obrigados a calar! Focaremos apenas mais dois casos. Um, referente ao «Mistério da Estátua de D. José»; outro ao «Caso da Quinta das Lágrimas»...

Sobre aquela primeira reportagem, recebemos

uma carta que nos alerta com a seguinte notícia: «Há tempos, vários passeantes nocturnos do Terreiro do Paço foram alarmados pela presença de um indivíduo que voltejava em redor da estátua e que fôra já surpreendido a martelá-la. Uma policia que, uma noite, presenciou este caso prendeu o cavalheiro, que confessou ser de nacionalidade espanhola. *Encontraram-se-lhe no bolso notas soltas de um velho livro.* A notícia da prisão appareceu em vários jornais — mas fez-se immediato silêncio em volta do preso.» Investigámos a veracidade desta informação. Ela é exacta. Obtivemos até os seguintes detalhes: Que o espanhol era engenheiro e que viera a Portugal contratado por uma companhia mineira do norte. Pouco tempo depois fizeram-se explorações em várias bocarras que desembocam no Tejo, frente à muralha do Terreiro do Paço... Com que objecto foram elas realizadas? Não comentamos — mas venhos que comprovam o que escrevemos.

Por último — o «Caso da Quinta das Lágrimas»... Pouco depois de o publicarmos, um grande diário, não sabemos com que oportunidade, exhibia a mesma «foto» de M.<sup>me</sup> Rasseneur, hospedeira do pobre Edgar Lawrence, em Coimbra, que illustrava a nossa reportagem — mas sob a legenda «A Rainha de Saxe»... Alvorçaram-se os más línguas, os filhos bastardos daqueles académicos que chamaram «ventríloquo-charlatão» a Edison — e eis-os a proclamar em aos quatro cantos: «Cá temos a prova das fantasias do «Reporter X»

O jornal que não tivesse pecado num erro desse quilate, o jornalista que não se tinha nunca equivocado que nos atirem a primeira pedra! E então em matéria de fotografias — que é, por todos os motivos, a que offerece mais facilidades a ess s equivocados — quantas vezes o *Times*, o *Matin*, o *Diario de Noticias*, todos os jornais diários do mundo não têm resvalado em «gaffes» tremendas! Quantas vezes, nos grandes rotativos, não appareceu o dr. Bernardino Machado com a legenda de Cambó, o de Cambó como general Potoeff, a Polaire como Mistinguette, a princesa Zita como a condessa de Noailles?! Recordamos — dum só relance — do retrato do general Berenguer, no *Daily Telegraph*, em vez do general Tamagnini; o de Bernardo Shaw em vez do célebre *escroc* Jean Jacques Treville — «Le Vieux Lapin» —, no «A B C» de Madrid; o da famosa artista dinamarquesa Charlotte Wieth em vez de Mariana Weber, a estranguladora de Berlim, no *Petit Journal*; e, há anos, no próprio *Noticias*, o da cançonetista Rose Amie em vez da princesa belga...

Portanto, mesmo que houvesse erro fotográfico, nem por isso o «Reporter X» devia apoquentar-se exageradamente. MAS É QUE... NÃO HOUVE ERRO! Duas bases tivemos para essa reportagem. Uma — as declarações que revelámos; a outra, porque no momento em que aguardavamos a fotografia do próprio Edgar Lawrence, que, segundo nos disseram, saíra num jornal inglês, recebemos, por engano de

datas, um *Sunday News*, de 12 de Julho... Ao folheá-lo reconhecemos immediatamente a «foto» de M.<sup>me</sup> Rasseneur. Era o complemento duma reportagem já anteriormente publicada — e dizia (transcrevemos textualmente, assim como reproduzimos a folha do jornal): «M.<sup>me</sup> Rasseneur — em cisa de quem o químico Edgar Lawrence se hospedou em Coimbra. — Leiam amanhã a entrevista com o dr. Thomaz Crewer a propósito deste enigmático caso.» Esta «foto» foi encontrada no espólio do louco — com a seguinte nota: «*ela também viu no sangue os olhos da rainha.*» Quem se equivocou? Fomos nós? Nesse caso não fomos só nós. *Sunday News* também se equivocou. Além disso — a Rainha de Saxe não se parece com Madame Rasseneur! Achatem o nariz, srs. caluniadores.

## A B C-ZINHO

É o jornal mais querido das crianças

Sai às segundas-feiras

Vende-se em todas as boas tabacarias

## Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENROLADA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

SUNDAY NEWS.

URCH.

o Pay a

GES.

its history,

in his poorer

pt second-hand

y decreasing

reties so that

to be found in

be put before

Clery Bellef

street, W.C. J

verty of the

f all stumbling

ld gladly enter

e that his work

by continual

with drawers

and blankets

poor clerical

KETS.



THE EDGAR LAWRENCE'S MYSTERY

Mrs. Rasseneur, of Coimbra (Portugal)

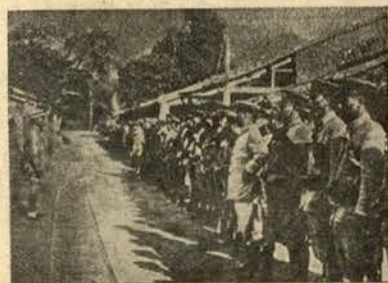
The first "faded wedding" is to take place on Tuesday, when Miss Jenny Berney



# O PERIGO AMARELO

(Continuação da pag. 9)

Paris e aprendera a ser... *parisiense*, porque o imperador necessitava de diplomatas à europeia. Veio a guerra com a Rússia, e se o Japão possuía uma bela esquadra e o melhor material de guerra, faltava-lhe, para garantir a vitória, aquele «segrêdo dos mares» que parece ser exclusivo dos ingleses. A legação inglesa em Tokio possuía um adido naval, um oficial britânico dos mais ilustres. Era preciso que o almirante, antes da batalha, arrancasse a esse adido «o seu segrêdo da vitória». Em casa do almirante recebe-se todos os diplomatas ocidentais e vive-se à europeia — quando estão presentes europeus. A esposa pa-lestra, discute, faz *blagues*, baila, *flirteta*, e o esposo, como qualquer nobre francês, sorri-se ante este jogo social. Mas logo que os estrangeiros



Tropas japonesas em Porto-Artur

saem, envergam os seus *kimonos* e a esposa torna-se humilde e obediente, como qualquer esposa de asiático do século XVII. O almirante percebe que o oficial inglês ama a esposa; e sacrificando a sua honra, o seu instinto de raça, as tradições sagradas de japonês e de nobre, obriga a pobre boneca a ceder ao amor do estrangeiro para lhe arrancar o segrêdo para que o Japão vença gloriosamente! — «Mas eu tenho medo!» — protesta ela, ajoelhada a seus pés. — Tu sabes o perigo que vou correr? O sacrifício a que me obrigas? — «E eu? Não é só a minha honra, é também a minha alma, porque te amo e sei que tu vais amar esse homem, após o simulacro que te exijo! Mas é o

Japão que está em jogo, e pelo Japão todos os sacrifícios são lógicos e suaves!» O almirante apossa-se do segrêdo, vence a batalha, e morre após a vitória.

Chamam êles a êstes sacrifícios o *hara-kiri* moral!

## O PERIGO AMARELO

Mas a maior ameaça desta guerra sino-japonesa não reside no contágio de beligerância que ela pode causar em todas as outras nações, atirando a Humanidade inteira para o inferno da batalha! O grande perigo é que o Japão, que é o cérebro, que é a cultura, domina a China, a Ásia inteira. A Europa está condenada, or todas as profecias e através de todos os estudos científicos, a ser invadida pelos amarelos. As invasões e as dominações vêm sempre do Oriente. A Europa, velha e gasta como está, não suporta vitoriosamente o peso desse cilindro de multidões aguerridas e bem chefiadas pelos japoneses que deve vir da Ásia.

É que o Japão não pensa noutra glória além da de dominar a Europa. Todas as suas atitudes, toda a sua política têm sempre o mesmo objectivo: o de se aproximar dessa realidade. Na própria China palpita, secreta e silenciosamente, a mesma gula de domínio. Artistas indiscretos desenham e



Chang-Kat-Sek, presidente da República Chinesa

espalham estas «*pas fantasistas* onde se vêem desfilés de tropas amarelas pelas cidades europeias, dominadas, esmagadas, vencidas. Antes da guerra, o ministro de França em Tokio enviou ao seu govêrno uma dessas estampas, em que o desfile dos amarelos se efectuava em pleno Champs Elysées de Paris, vendo-se, frente às tropas vitoriosas, os imperadores da Rússia e da Alemanha, com uma canga ao pescoço, algemados e acorrentados. Há pouco tempo uma canhoneira francesa que navegava nas costas da China notou um barco japonês que tentava fugir-lhe. Esta



## Uma conferência numa sociedade secreta chinesa

Há na China inúmeras sociedades secretas. E nelas que se elaboram, sob a inspiração dos japoneses, os planos da invasão da Europa pelos amarelos

espionagem amarela na Europa é mil vezes superior à alemã ou à inglesa, e mais perigosa, porque é invisível, impalpável. Ainda há poucas semanas publicou o *Daily Mail* um sensacional artigo denunciando manobras da espionagem japonesa e afirmando que o Japão mantém na Europa mais de 2.000 espias de todas as raças, bem chefiados pelos próprios japoneses. Nesse artigo fala-se de Portugal. Mas isso... fica para o próximo número.

Que o leitor crente reze aos seus deuses para que não se desencadeie a guerra sino-japonesa, porque do contrário essa vaga e distante ameaça que é para os optimistas o perigo amarelo será uma dolorosa e trágica realidade nos nossos dias. R. X.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!

tentativa de fuga alarmou o comandante, que mandou logo alguns homens ao encontro do barco. Êste parara mas os seus tripulantes tinham-lhe deitado fogo. Apesar disso os marinheiros franceses conseguiram apoderar-se de vários documentos que estavam guardados a bordo, cheios de caracteres chineses. Feita a tradução desses documentos soube-se, por êles, da existência de várias associações secretas japonesas que estavam em contacto constante com outras da China, cuja acção subterrânea era a de prepararem, em conjunto, a invasão da Europa. A es-

Metais

Ferramentas

Rua do Loureiro, 86-92  
TELEFONE, 484—PORTO



GOMES DA SILVA, L. DA

ESPECIALISTAS

Balanças

Artigos para a Industria



# ○ HOMEM DA MALA MISTERIOSA

(Continuação da pag. 4)

ou 1910 em Portugal, pela de simples gatinho de mercadorias. O caso vem pormenorizado num jornal de Bucarest, de onde não me traduziu.

Em 1926, de passagem por Marselha, Sokol, que percorrera já o mundo inteiro sem que os dardos do amor lhe atingissem o coração, conheceu num *cabaret*, onde entrara depois do espectáculo, uma mulher fatal. Não lhe ligou a princípio mais importância do que a que em regra merecem aos homens estas mulheres que têm a profissão de agradar a toda a gente. Ela, porém, teve artes de prendê-lo, e talvez não fôsse estranho a essa atracção o facto de ela ser portuguesa e afirmar que fôra elle quem a impelira para a vida aventureira dos circos, com a famosa sorte da mala que vira maravilhada no Coliseu dos Recreios. Depois a vida de circo — vivida por dentro — fizera-lhe amargar todas as ilusões e, verificando que não nascera artista, deixou-se arrastar no enxurro, de terra em terra, até Marselha, onde se fixara. Era portuguesa, portanto ardente, apaixonada e, evocando saudosamente a noite em que elle a deslumbrára, oferecia-lhe desinteressadamente o coração.

Tão habil em desembaraçar-se da prisão da sua mala mágica, Sokol não soube desprender-se da cadeia voluptuosa dos braços esculpturais de Ema Ramos — a portuguesa que havia de perdê-lo.

E levou-a consigo.

## REVELA-SE O «TRUC» DA MALA

Ema estava longe de ser uma mulher ingénua ou modesta. Era uma aventureira batida em mil e um negócios suspeitos — desde a escravatura branca ao despojo de forasteiros. Relacionada com a escória das grandes capitais, a quem a ligavam laços de solidariedade profissional, foi lançando na alma de Sokol, gota a gota, o veneno da corrupção.

E foi assim que ao cabo de tantos anos de uma carreira que não lhe daria fortuna mas lhe dava ensejo de ganhar a sua vida modesta e honestamente se deixou filiar, impellido por Ema, numa vasta quadrilha internacional que se dedica ao roubo de mercadorias nos caminhos de ferro. A polícia de Bucarest está envidando neste momento os seus esforços para lançar a mão aos cabecilhas desta terrível organização.

Pôs ao serviço do roubo o seu material de circo, e desde 1928 até à data recente em que foi preso, realizou muitas dezenas de roubos avaliados em alguns milhares de escudos.

E só agora se sabe, porque Sokol o confessou à polícia, qual era o seu *truc* da mala misteriosa. E era tão simples, leitor que te recordas dêsse espectáculo que te intrigou!

Um cavalheiro apresentava-se em determinada estação de caminho de ferro a despachar uma grande mala, em pequena velocidade, para outra estação situada a muitos quilómetros de distância. Dentro da mala ia simplesmente Sokol, com uma garrafa de leite, um martelo, um escopro e outra garrafa... para as necessidades mais instantes. O comboio punha-se em marcha. E de noite — só no «fourgon» — Sokol saía da mala mágica por uma face deslocável entre duas cordas (era aqui o *truc* da fuga que vimos no Coliseu), roubava nos outros fardos circundantes fazendas, sedas e outros objectos de valor e metia-os na mala, que tornava a fechar hermeticamente. Aproveitando, depois, a marcha vagarosa do comboio, saltava, de noite, em qualquer ponto favorável e, dirigindo-se à *gare* mais próxima, tomava um comboio de passageiros que, adiantando-se, o levava ao ponto de destino da mala. Ali despachavam-na, tranquillamente levando o roubo, sem que a mais leve suspeita se levantasse.

Jamais se descobririam estas façanhas se o cúmplice de Sokol, em vez de destinar ao grande armazem que recolhia os roubos da imensa quadrilha, não quisesse vender por baixíssimo preço, e recolher o produto da venda, algumas sedas roubadas. Levantaram-se desconfianças. O cúmplice foi preso e por denúncia lá foi parar Francisco Sokol, o persa maravilhoso que há mais de vinte anos deslumbrou o público de Lisboa.

Ema Ramos, a portuguesa que o perdeu, escapou-se, evidentemente.

M. D.

O «Reporter X» vende-se em  
todas as tabacarias

# Al Capone

(Continuação da pag. 5)

quê? De ser eu o comandante da batalha de Silver Street e o assassino de Poleri e de Dower? Mas é muito simples provar a minha inocência. Telefone para 88.734...»

O chefe fitou-o, incrédulo; mas como Al Capone insistisse, resolveu-se a telefonar:

— É da casa do ilustre deputado Mr. Breight? O sr. deputado está? Daqui fala o chefe da poli-



Por muito precavidos que sejam, os traidores não escapam aos «pistoleros» de Al Capone

cia — Fitcher, Leopold Fitcher... Como? Que já sabe o que lhe vou perguntar? Como? Que Mr. Al Capone foi seu hóspede, na sua vila de Flower-Garden, desde as dez da manhã até às duas da madrugada? Por amor de Deus... Basta o sr. deputado afirmar que... Que diz? Que o senador White e o banqueiro King também estiveram presentes até essa hora? Muito bem... Obrigado... Queira desculpar.»

Que havia de fazer o chefe da polícia, senão libertar imediatamente Al Capone? E Al Capone ficou-lhe muito grato porque era urgente conferência de novo com aqueles três clientes amigos e liquidar certa conta com o seu infiel Dion...

R. X.

NO PRÓXIMO NÚMERO: «Al Capone na alta política e na alta finança».



# O romance misterioso dum marinheiro português

que é filho da famosa bailarina MATA-HARI

**H**Á cerca de um mês, e durante as manobras navais que se realizaram na costa, entre a ponta de Sines e o Cabo Espichel, um dos tripulantes do contra-torpedeiro «Guadiana», onde eu me encontrava como enviado especial de um diário da manhã, bra-

dou, perto de mim: — O Goudal!  
 Este nome, atrado de repente, naquela hora de calma — estavam pairando em frente de Cezimbra — obrigou-me a voltar a cabeça e a procurar quem gritara. Mas, ainda mal vira o chamador — o «94» — e já, pelo convés da prôa, se aproximava de nós um moço alto, forte, de rosto sereno e sorriso simples:

— O Goudal é aquele? — perguntei.  
 — Aquele mesmo. Chamamos-lhe o «Jeta Goudal» porque é diz que é filho da Mata-Hari e irmão da Jeta, «uma» que trabalha no cinema...  
 O leitor calcula a emoção que eu sentiria, após

**O engeitado... — Espírito de aventureiro — O estrangeiro enigmático — A bússola do Destino — Uma revista de cinema — Jeta Goudal, estrela de cinema e filha da bailarina trágica, escreve e elucida o seu irmão português — Ramon Novarro promete a sua protecção a David Augusto.**

nhieiros, à medida que o mistério da sua vida crescia e se avolumava. Só no dia seguinte, ao toque de alvorada, consegui falar-lhe, na casa da pilotagem. Logo de entrada reparei que David Augusto era um atleta com alma de criança. O seu sorriso ingénuo e simples, a modéstia da sua apresentação, a sua dificuldade em expressar-se eram elementos bastantes para lhe atraírem uma grande simpatia. Apenas o olhar tinha um brilho especial de aventura, de mistério. Antes de falar foi tirando dos bolsos os papéis de que se munira: retratos de Mata-Hari, de Jeta Goudal e de Ramon Novarro; cartas dos dois últimos; capas de revistas cinematográficas; retratos seus — o que ele supunha que podia constituir uma documentação completa.

Com os braços caídos e a cabeça descaída também, David Augusto contou-me o seu romance — o seu *film*, como é próprio dizer... A sr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Messias, moradora na freguesia de Moimenta, no termo de Vinhais, e perto da fronteira espanhola, quando, há 21 anos, em certa manhã de Agosto, abria a porta da sua casa, topou com uma criança de meses, metida num cesto de verga, sem qualquer indicação especial. Correu-se o povoado e redondezas. Ninguém sabia de quem era a criança — um robusto rapaz, calado e risonho. Apenas uma vizinha garantia, secundada pelo homem do correio, que na noite anterior vira um estrangeiro, numa pensão, em Vinhais, com um cesto parecido — senão era o mesmo — com aquele onde lóra metido o pequenito. A sr.<sup>a</sup> Maria do Carmo não quis abandonar o incoente, que, na igreja de Moimenta, dias depois foi baptizado com o nome de David Augusto. Correu o tempo e o mistério não se desvendou. O estrangeiro suspeito não deixara rasto. E nunca mais se falou em tal. Aos 12 anos, David Augusto, que já sabia ler e escrever, teve conhecimento do mistério da sua vida. O espírito de aventura sempre o dominara. Então, mais do que nunca. Começou a sr.<sup>a</sup> Maria do Carmo a maltratar o pequeno, à medida que lhe descobria ânsias aventureiras. E David Augusto, um dia, fugiu de casa, atravessou a fronteira e foi pedir trabalho, em Gonzalves, a um pedreiro que era natural de Moimenta. De Gonzalves passou a Castromil, a Cávados e outras terras galegas, até que fez 17 anos. O mestre, que era parente da sr.<sup>a</sup> Maria do Carmo, mandou-lhe as férias do rapaz. Este, sem recursos, voltou para Moimenta, decidido a

aproveitar o ensejo para se arrumar de vez. Um dia viu um edital convocatório de voluntários da Armada. Estava-se em 1926. Concorreu e foi incorporado em Janeiro seguinte.

No quartel, como na aldeia, sempre o mesmo mistério tentador o envolvia: «Quem seriam os pais? De onde viera?» E a sombra não se desfazia. Nem o mais ligeiro raio de luz. Já em 1930, estava no Porto, cumprindo uma pena disciplinar, foi parar-lhe às mãos uma revista cinematográfica, que trazia, na capa, o retrato de Jeta Goudal. Um dos companheiros de prisão começou a notar pareceças entre a estrela e David Augusto. Este, a princípio, sorriu. Mas em breve reconheceu que o outro não mentia. Investigou a direcção de Jeta Goudal; escreveu-lhe; pediu-lhe retratos; contou-lhe ingenuamente o romance e o mistério da sua vida. Ao mesmo tempo escreveu a Ramon Novarro, perguntando-lhe quem era Jeta e as características da sua personalidade. A esfingica «estrela»



David Augusto

oito dias de embarque, sem assunto novo, ao deparar com um filho da Mata-Hari a bordo de um navio de guerra português. Procurei imediatamente esclarecer tão importante mistério, mas não foi possível. O «Jeta Goudal» entrou de serviço, ao léme. E não consegui falar-lhe.

Pela tarde lóra busquei elementos sobre a personalidade que assim, de chofre, se revelava. Pouco mais sabiam. O David Augusto, que era o nome próprio do meu protagonista, mantinha correspondência aturada com Jeta Goudal e Ramon Novarro; era um belo fotógrafo amador; lia muito e raras vezes saía de bordo, mesmo quando o barco fundeava; não tinha amores sérios com qualquer rapariga; não tinha inimigos; e era de uma paciência evangélica perante os diálogos dos compa-



Gomez Carrillo

respondeu com palavras vagas e insinuações que o sobressaltaram. Podia ser que fosse seu irmão, e, detalhe curioso, não tendo, ao contar-lhe o enigma do seu nascimento, evocado o nome da terra onde o engeitaram, ela, a suposta filha de Mata-Hari, a géida Jeta Goudal, na sua resposta, falava em que sua mãe, nas vésperas do fuzilamento de Vincennes, encarregara o seu fiel advogado e antigo amante de várias missões que ela não pudera cumprir completamente, confessando-lhe ter um filho, fruto de uma aventura amorosa com uma *alta individualidade em Espanha*; e que, aproveitando o estado de inconsciência em que ficara, um criado do pai da criança roubara-lhe o filho, passara com ele a fronteira, abandonando-o numa terra portuguesa chamada «Moimenta!!!» A Goudal conhecia este episódio por lhe terem escrito, há poucos anos, inquirindo se ela possuía outros dados ilucidativos... A pessoa que a interrogava era Abel Tourrant, autor, pouco depois, de um livro famoso — «La vie et la mort de la dan-



seuse rouge». Mas ela, Jeta Goudal, nem mesmo possuía provas que lhe permitissem afirmar ser filha de Mata-Hari...

Ramon Navarro foi mais preciso na resposta. Jeta Goudal, explicava o sublime criador de Ben-Hur, era uma mulher misteriosa e fria, cultivando esse mistério e estabelecendo a confusão sobre o seu passado, por *coquetterie*. Ela própria espalhara a notícia de que era filha da bailarina fuzilada em Vincennes; e embora encolhesse os ombros quando lhe falavam disso, nada fazia para desmentir a lenda, antes pelo contrário.

David Augusto não desanimou. Pouco a pouco foi sabendo que Mata-Hari estivera, de facto, na Galiza, em 1909, na companhia de um cavalheiro que só de noite saía da casa onde se abrigaram; que tinha sido nessa ocasião que Gomez Carrillo, o célebre escritor, depois marido de Raquel Meller, que, antes de morrer, se defendeu das calúnias que lhe dirigiram acusando-o de ter vendido Mata-Hari aos franceses, conheceu a formosa bailarina, e que nessa época constaram uns amores entre ela e uma alta individualidade espanhola que se esforçou, oito anos depois, por salvar-lhe a vida, usando de toda a sua influência junto do governo francês...

—E aqui tem tudo o que eu sei da minha vida. Acabo o serviço em Janeiro próximo. Não devo ser readmitido. Parto logo para Hollywood. É ali que hei-de encontrar a chave do mistério. Como vê por esta carta (e exhibiu-a), Ramon Navarro mostra-se inexplicavelmente interessado pela minha pessoa e promete ajudar-me; e eu sinto cá dentro uma ansia...

Eis a historia de David Augusto, arteleiro do «Guadiana». Não tem comentários. Basta o sópro espiritual que a anima para a respeitarmos...

L. N.

## Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

tadas, não logravam maiores venturas.

Ora, aos despeitos, às invejas, à maledicência que em torno de nós circulam, podemos nós responder, parafraseando a linda amante de Fernando VII:

— Que se pintem!

E mandá-los apenas pintar parece-nos que é tratá-los com uma delicadeza que eles não merecem.

— Vão-se pintar e deixem-nos em paz.

MÁRIO DOMINGUES

## Uma página ignorada da vida de Mussolini

(Continuação da pag. 7)

—se interditos. Alguns chegaram mesmo a dizer que Turatti tinha razão.

A frente da União Sindical Italiana encontrava-se um homem novo, quasi tão astuto como Turatti, e que admirava muito o famoso ditado italiano: «O caminho mais curto entre dois pontos é uma curva».

Depois da discussão entre todos se ter acalmado um pouco, ele ergueu-se e falou deste modo:

— Há uma semana, fui procurado por um velho camarada meu que me veio informar de que a policia existe um esconderijo secreto de que a policia tem conhecimento. Todas as noites se encontram nele alguns espíes que vêm ouvir o que se passa entre nós. A principio acudiu-me a ideia de vos avisar para darmos aos espíes uma lição que lhes ficasse de emenda. Depois, reflectindo, pensei que, num momento de cólera, poderíamos deitar tudo a perder e resolvi guardar a revelação para mais tarde. Tomei apenas a precaução de mudarmos o local das nossas reuniões, certo de que os policias, nesta sala, nada poderiam ouvir. Chegou, agora, o momento...

Animado em face do silêncio que se fizera, o digno emulo de Turatti prosseguiu:

— Ao contrário de Turatti, eu penso que para deitar abaixo o governo é conveniente obrigá-lo a adoptar as medidas repressivas com que ele ameaça pulverizar as nossas organizações.

E expôs o seu plano: Votaríamos a reunir-se na sala onde poderiam ser esculados pelos espíes e tramariam aí o plano duma greve geral monstro para ser declarada no mesmo dia e à mesma hora em todas as cidades italianas.

O governo tomaria espantosas precauções: mobilizaria tropas, adoptaria excepcionais medidas de precaução, assaltaria tipografias para apreender as proclamações revolucionárias e faria prisões em massa. Dias depois, a história da mystificação tornar-se-ia conhecida e o ministério cairia, derrubado pelo ridículo. O plano, ainda que bastante hábil, era extremamente audacioso, carecendo, para ser eficaz, da colaboração dum vulto socialista de prestigio. Turatti, cauteloso em excesso, não arriscaria o seu prestigio naquele lance.

Discutiu-se, então, quem seria o socialista capaz de aceitar semelhante ideia, pois não convinha meterem no segredo da mystificação quem não oferecesse garantias de se mostrar disposto a actuar.

O nome de Mussolini, que então militava na ala esquerda do partido, foi por todos escolhido por unanimidade. Era novo, inteligente e audaciosissimo.

Dias depois, Mussolini, convidado pelos sindicalistas, aceitava, tornando-se um dos principais organizadores daquela farsa, que bem podia finalizar em tragédia.

As reuniões preparatórias da greve duraram quinze dias. No esconderijo secreto chegaram a estar o chefe da policia e até o próprio chefe de Gabinete do Ministério do Interior.

Um dia, em todas as cidades italianas, as tropas saíram dos quartéis, ocuparam as principais ruas, os edificios dos Telefones e dos Telégrafos e as estações dos Caminhos de Ferro. Tipografias foram assaltadas. As prisões regorgitaram de presos.

A famosa greve geral, que o governo anunciara numa nota officiosa, não se dera. Dias depois, a história era contada nos jornais da esquerda, e o ministério, desacreditado, sentindo que caíra no ridículo, deitava mão ansiosa a um pretexto misericordioso forjado por Turatti, e demitia-se.

## UM NOVO LANDRU

(Continuação da pag. 10)

E todos três eram filhos de Mrs. Eicher, uma das mulheres com quem Powers mantinha correspondência mais assídua. Esta era um dos cadáveres que também apodrecia no subterrâneo; a outra era Mrs. Lembre, igualmente uma das românticas nan oradas do pobre diabo feito fera.

Enquanto assassinava toda esta gente, Powers escrevia a Miss Bell uma carta tocante, animada de sinceridade, como se pode ver por este trecho comovente:

«Sou sempre sincero. Prefiro sofrer física ou moralmente a ir contra a verdade. Sou uma pessoa calma e afável e a vida familiar atrai-me irresistivelmente. Sou generoso, e se um dia eu for pai, meus filhos só têm a lucrar»...

Como se pode conceber que este homem tão pacifico, tão inofensivo, que escreve nas suas cartas trechos de ternura comovente como mostramos, de um momento para o outro se transforme num assassino, num sátiro capaz de rivalizar com o Landru de horrerosa memória?

Eis o problema que os criminalistas e os magistrados norte-americanos pretendem neste momento resolver.

A natureza humana é tão estranha, contém mistérios tão espantosos, tão impenetráveis!

Z.

## 5 de Outubro

Comemorando o 21.º aniversário da implantação da República, a Comissão Administrativa da Junta da Freguesia do Sacramento distribue pelos seus pobres um bôdo em dinheiro, no próximo dia 5, pelas 10 horas, na sua séde.

Em nosso nome e no da Empresa do nosso prezado colega «A B C», agradecemos os bilhetes que nos enviou para os nossos protegidos.

## VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



EM MASSA

Deposítários Gerais para Portugal e Colonias:  
CARLOS CORREIA & C.ª Lda.

Rua Mousinho da Silveira — PORTO

AZEITE  
**SANTA CRUZ**

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEFONE 4697 — PORTO



---

---

# NOVELA N.º 32

Quinta-feira, 8 de Outubro de 1931

A AVENTURA DE UM  
PORTUGUÊS NA RÚSSIA

**SENSACIONALÍSSIMO**  
**ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X**  
**LEIAM**

---

---